

"PÓS-MODERNIDADE: MÉTODO? ATITUDE DIANTE DA VIDA? 'OUTRA COISA'? PRIMEIRA INCURSÃO"

José Dimas Monteiro

Mestrando em Literatura Brasileira, UFSC

"O desafio da certeza, a formulação de perguntas, a revelação da criação ficcional onde antes poderíamos ter aceitado a existência de alguma 'verdade' absoluta - esse é o projeto do pós-modernismo."

(Linda Hutcheon)

A história do pensamento ocidental tem apresentado, em seus períodos, um variado ambiente de questões polêmicas (nos campos da ciência, política, literatura, ética, religião, ...) que suscitaram os mais acirrados debates. Em nosso século, muitas destas questões têm merecido um incansável esforço de mulheres e homens na busca de soluções. Porém, há um tema que, acima destes, tem provocado em torno de si devaneios de apoio e repulsa, com exaustiva investigação. Este tema é a pós-modernidade.

O termo pós-modernidade tem atraído grande número de pesquisadores, nas mais diversas áreas, não somente por sua complexidade, mas principalmente pela forma com que ele se disseminou nos mais variados ambientes da vida humana. A pós-modernidade está na literatura, na arte, na cultura, na ciência, na política. Provoca diferentes reações. Alguns buscam elaborar um conceito consistente; outros buscam experimentá-la concretamente; outros ainda a vivem sem saber do que se trata. A pós-modernidade ultrapassa os limites da academia.

É dentro deste contexto que buscaremos construir nossa tarefa, tendo ela caráter introdutório. Embora nossa tarefa tenha uma linha especificamente teórica, nossa intenção é experimentar, a medida que investigamos, um pouco da pós-modernidade. Nossa investigação partirá na busca da localização dos ambientes pós-modernos. Estes nos ajudarão a perceber seus "movimentos". Em seguida investigaremos duas questões importantes: o ex-cêntrico e o telos. Isto pode nos ajudar a identificar os

eixos em que se movimenta a pós-modernidade. Por fim, deter-nos-emos nas questões que envolvem o título deste trabalho: a pós-modernidade como método, atitude diante da vida e "outra coisa". Na verdade, estas questões nos servem mais como provocação do que, propriamente, como objetivo último. Não perseguiremos uma conclusão definitiva. Estamos longe disso.

Para ajudar nossa investigação, tomaremos como auxílio as importantes interpretações que alguns autores fazem do pós-modernismo como Habermas, Huyssen, Sevcenko e Linda Hutcheon. Contudo, a base de nossa tarefa se fixará na obra, desta última autora, intitulada *Poética do pós-modernismo*.

1. LOCALIZANDO SEM DELIMITAÇÃO O AMBIENTE PÓS-MODERNO

A sugestiva contradição que nos é apresentada pelo título deste capítulo revela de imediato o ambiente paradoxal em que está mergulhada a pós-modernidade. Não é sem propósito falarmos em localizar sem delimitar. Desde já, uma primeira objeção se nos apresenta: como falar de pós-modernidade sem um limite? Ou melhor, como é possível falar de algo que não possua conceito? Sem obstáculo, isso seria suficiente para desistirmos da tarefa a que nos propomos. Entretanto, somos atraídos tacitamente para uma questão central: o que é pós-modernismo? O que é pós-moderno? O que é pós-modernidade?¹ Não será objetivo nosso responder estas perguntas, mas apenas buscar dar sentido a elas. Ou seja, buscaremos o porquê de se fazer a pergunta sobre a pós-modernidade, sobre o pós-modernismo, sobre o pós-moderno. Para tanto, acreditamos ser necessário refazer o ambiente em que está inserido a pós-modernidade, tomando como auxílio alguns intérpretes desta questão.

Nicolau Sevcenko, em um breve artigo intitulado "O enigma pós-moderno", alerta-nos que o conceito de pós-moderno supõe uma reflexão sobre o tempo, mas não um tempo linear, homogêneo. Segundo ele, não é possível estabelecer uma data decisiva para o início do pós-moderno. Trata-se antes

"...de uma atitude nascida do espanto, do desencanto, da amargura aflitiva, que procura se reconstruir em seguida como uma alternativa parcial, desprendida do sonho de arrogância, de unidade e poder..."² (p.45).

Aqui podemos perceber dois ambientes da pós-modernidade. A

não linearidade e a não totalidade. Ou seja, não há uma “linha mestra” condutora dos caminhos da pós-modernidade. Não há uma causa precisa para este acontecimento - mesmo que possamos falar de pós-modernidade como pós-vanguarda, pós-estruturalismo e pós-utopias. O outro ambiente, a não totalidade, revela num primeiro momento a descontinuidade da pós-modernidade com o caráter teleológico. Podemos dizer, é um ambiente sem sonhos, sem paradigmas, sem paraíso, sem a unidade da universalidade.

No mesmo caminho, Linda Hutcheon ao iniciar sua obra sobre uma possível poética do pós-modernismo afirma que

“entre todos os termos que circulam na teoria cultural e nos textos contemporâneos sobre as artes, o pós-modernismo deve ser o mais sobre definido e o mais subdefinido. Ele costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativa: ouvimos falar em descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização.” (p. 19)

Esta afirmação além de pôr em relevo a dificuldade de conceituação do pós-modernismo apresenta, ao menos, dois ambientes. A *incerteza* e a *fragmentação*. Embora sejam estes ‘quase’ sinônimos de *não linearidade* e *não totalidade*, é possível perceber uma sutil diferença. Incerteza e fragmentação trazem uma forte tendência psicológica, e se levada ao extremo implantam um terror paranóico que vai desde a inanição tácita até a “orgia” do “vale-tudo”. A não linearidade e a não totalidade, por trazerem um caráter mais metodológico, imprimem um critério de *ordenar a desordem*, tendo aqui não a característica de dar *unidade*, mas *sentido* à desordem. Assim, quando os autores tratam do ambiente pós-moderno como alternativa parcial, descontinuidade, descentralização, não linearidade, indeterminação, paradoxal... não se referem a uma atitude de “vale-tudo”, mas a um bloco de critérios que se não definem o que é pós-modernidade, ao menos deixam “claro” o que não é pós-modernidade. Isso pode-nos servir não como a finalização do ambiente pós-moderno, mas como prenúncio da forte amplitude de tal ambiente. Antes de seguirmos em nossa investigação, cabe ressaltarmos, para o momento, que a pós-modernidade - mesmo não possuindo um conceito definitivo - tem critérios e com isso se afasta de uma tendência niilista. Talvez este seja o nosso ponto de partida.

Deslocaremos agora nossa investigação para o ambiente sócio-cultural onde a pós-modernidade transita normalmente. Antes, porém, uma objeção apresentar-se-ia: por que descartar o ambiente cronológico? Ora, se

o próprio prefixo *pós* exige temporalidade, porque não caracterizá-lo?³ Embora não seja tarefa nossa localizar datas e estabelecer períodos, o tempo cronológico aparecerá necessariamente no ambiente sócio-cultural. Alertamos que esta questão é ampla e desconexa. Se para boa parte dos autores a pós-modernidade se concentra no século XX, há quem considere as obras de Homero pós-modernas.

É lugar comum tomar a pós-modernidade como um movimento de ruptura do moderno. Tal postura, entretanto, no ambiente pós-moderno, pode ser atribuída aos incautos. Uma forte controvérsia gira em torno desta questão. Para localizarmos o ambiente pós-moderno é necessário que enfrentemos sua relação com o moderno. Para ajudar nossa investigação buscaremos situar brevemente o ambiente do modernismo.

O modernismo, iniciado no final do século passado, é considerado um movimento literário que teve como sustentação estéticas de vanguarda (dadaísmo, surrealismo). Estas estéticas se propõem a romper com toda tradição artística e literária; romper com o antigo; romper com a cristalização da arte. É a busca pela união entre arte e vida - separada pela tendência tecnocrata da pós-revolução industrial, que motivou a autonomia da arte (a arte pela arte). As vanguardas apresentam uma nova forma de arte e literatura desvinculada de toda tradição.

Ajudados por este contexto, retornamos à tarefa de localizar os ambientes pós-modernos. Para tanto, tomaremos como auxílio a interpretação de alguns autores.⁴

A) *Habermas*⁵

Iniciamos com uma interessante afirmação de Habermas:

"O projeto de modernidade formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo consistiu em esforços que visavam a desenvolver tanto a ciência objetiva, a moralidade universal e a lei, quanto a arte autônoma, conforme sua lógica interna. Este projeto pretendia ao mesmo tempo liberar o potencial cognitivo de cada um desses domínios no intuito de livrá-los de suas formas esotéricas. Os filósofos iluministas almejavam valer-se deste acúmulo de cultura especializada para enriquecer a vida cotidiana, ou seja, para organizar racionalmente o cotidiano da vida social." ("Modernidade versus Pós-modernidade", p.88.)

Para Habermas, não podemos falar em pós-modernidade sem antes

concluirmos o projeto de modernidade, que é o projeto iluminista. Ou seja, a busca pelo avanço contínuo da ciência, pela utopia da igualdade, fraternidade e liberdade, e pela melhoria de vida da humanidade precisam ser realizados. Ademais, Habermas acusa o século XX de ter frustrado este projeto. A diferenciação entre ciência, moral e arte contribuiu para as especializações, acarretando o aumento da distância entre a cultura dos especialistas e a do grande público (Cf. p.89). As vanguardas se propuseram a eliminar este problema através do ataque ao projeto da arte pela arte. Porém, ao referir-se ao surrealismo, Habermas destaca os erros cometidos. Ao romper com a tradição o surrealismo cria um novo paradigma que logo se cristaliza e com mais radicalidade, ou seja, rompe com a tradição e cria uma nova. O surrealismo reconduz à vida apenas a uma abstração, pois separa os âmbitos cognitivos, prático-morais e expressivos (Cf. p.89). Neste sentido, Habermas considera necessário retomar o projeto de modernidade (iluminista) e abandonar aqueles que tentaram negá-lo. Sem obstáculo, podemos perceber que Habermas é um dos autores a considerar a pós-modernidade como ruptura da modernidade. Aqui, consideramos que o ambiente da pós-modernidade é - se é que Habermas assim permitiria - o de *negação da tradição*.

B) Huyssen

Outra interessante interpretação encontramos no artigo “A busca da tradição: vanguarda e pós-modernismo nos anos 70” de Andreas Huyssen. Ele inicia o artigo se perguntando o porquê de ter havido nos anos 70 uma intensa busca pelas tradições e se havia especificidade histórica nesse fenômeno. Segundo Huyssen, a busca pelo passado é multifacetada, e em uma de suas manifestações mais radicais *“questiona a orientação fundamental das sociedades industriais em direção a um crescimento futuro e a um progresso ilimitado”* (p.92). É importante notarmos que, em Huyssen, a busca pelo passado se dá não numa reafirmação de valores, mas num questionamento desses valores. Afirma ele:

“Efetivamente há hoje uma busca alternativa da tradição e da história em andamento, que se manifesta na preocupação com as formações culturais não dominadas pelo pensamento logocêntrico e tecnocrático, no descentramento das noções tradicionais de identidade, na pesquisa da história das mulheres, na rejeição dos centralismos, correntes majoritárias e cadinhos de todos os tipos, bem como no grande valor atribuído à diferença e à alteridade.” (p.92).

Isso nos coloca no ambiente de *descontinuidade*. Voltar ao passado não para confirmar uma linearidade histórica, mas, ao contrário, sua fragmentação. Por outro lado, é possível percebermos uma forte tendência

teleológica, pois o retorno às tradições revela, mesmo que sutilmente, a busca de um futuro melhor para a humanidade. Assim, caímos numa dificuldade. É possível falar em descontinuidade, fragmentação e vislumbrar um telos? É possível falar em telos na pós-modernidade?⁶

Prosseguindo na interpretação de Huyssen, chama-nos a atenção a avaliação feita por ele das vanguardas históricas (e por extensão do pós-modernismo) respondendo a pergunta que ele mesmo se fez: "...em que a identificação com a vanguarda clássica contribui para o nosso senso de identidade cultural?..." Segundo ele, o vanguardismo perdeu o sentido de ruptura com o esteticismo do século XX, pois ao atacá-lo criou um novo "modo", acabando por se tornar tradição. As vanguardas também se pautavam na visão universal e totalizante da cultura. Assim,

"...a recuperação da história e a reemergência da narrativa dos anos 70 não são parte de uma volta ao passado pré-moderno, pré-vanguardista, como alguns pós-modernistas parecem sugerir. Podem ser melhor descritas como tentativas de dar meia volta para saír do beco sem saída⁷ onde os veículos do vanguardismo e do pós-modernismo chegaram a uma paralisação total."
(HUYSEN, p.93.)

Esta afirmação revela-nos uma face tenebrosa do ambiente pós-moderno. Se por um lado a condição de descontinuidade e fragmentação apontam para um movimento excitante, por outro o estar num beco sem saída causa um profundo *mal estar* (no sentido negativo). Destarte, a *busca compulsiva* é substituída pela *insegurança paralisante*. O ambiente pós-moderno apresenta-se aqui como "fim de linha", tempo linear, anacronismo imediato.

C) *Linda Hutcheon*⁸

"As interrogações e as contradições daquilo que quero chamar de pós-moderno começam com o relacionamento entre a arte do presente e a arte do passado, e entre a cultura do presente e a história do passado." (Poética do pós-modernismo, p.62.)

Esta afirmação expõe um interessante ambiente do pós-

modernismo: o de *relação*. A relação pressupõe o Outro, o diferente. A relação pressupõe trânsito, abertura. A relação pressupõe tempo e consequentemente distância. Segundo Hutcheon, a distância que separa o passado do pós-modernismo é assinalada na arquitetura pós-moderna pela *ironia*. Este ambiente incrementado por Hutcheon caracteriza uma forte peculiaridade do pós-modernismo: a paródia⁹. Embora muitos críticos do pós-modernismo denunciem a ironia como anti-seriedade, Hutcheon acredita que talvez “...a ironia seja a única forma de podermos ser sérios nos dias de hoje” (p.62). Devemos depreender disso que o retorno ao passado não se dá por sua ridicularização. Para Hutcheon, a arte pós-modernista incorpora e modifica o passado e não o abandona (Cf. p.44). Esta postura é considerada por muitos como reacionária, mas Hutcheon condena tal atitude, pois afirma que isto é

“ignorar as verdadeiras formas históricas às quais os artistas retornam. É também esquecer que tudo aquilo que retorna o faz como uma reação contrária”(p.63).

Assim, a relação do pós-modernismo com o passado acontece no enfrentamento e na assimilação. O pós-modernismo não tem medo, nem vergonha disso. Mas se estamos falando no ambiente de *relação*, como este se dá entre moderno e pós-moderno - já que o primeiro rompe inalienavelmente com o passado? Mais uma vez, concluir definitivamente seria, no mínimo, uma atitude anti-metodológica. Contudo, algumas considerações podem ser feitas. Se por um lado podemos observar uma forte tensão entre moderno e pós-moderno, por outro lado encontramos muita proximidade. Isto acontece porque a pós-modernidade se forja na modernidade. Há contradições tanto na modernidade quanto na pós-modernidade. Hutcheon afirma que

“...assim como o modernismo, o pós-modernismo também preserva suas próprias contradições, mas também que as ressalta a ponto de passarem a ser as próprias características definitórias de todo o fenômeno cultural que classificamos sob essa denominação. O pós-moderno não é, de forma alguma, absolutista; ele não diz que é ‘impossível e inútil tentar e conseguir estabelecer alguma ordem hierárquica, algum sistema de prioridades na vida’ (Fokkema 1986b, 82). Ele diz, isto sim, é que em nosso mundo existem todos os tipos de ordem e sistemas - e que nós os criamos todos. Essa é a justificação e a limitação destas ordens e sistemas. Eles não existem ‘exteriormente’,

fixos, pressupostos, universais, eternos; são elaborações humanas na história. Isto não os torna nem um pouco menos necessários ou desejáveis." (p.67)

Esta é uma das contradições do pós-modernismo. O ponto limítrofe entre o apresentar perguntas e dar respostas é muito tênue. Por isso, difícil de ser localizado.

"...o pós-modernismo não nega tanto (o passado) nem é tão utópico (quanto ao futuro) como, pelo menos a vanguarda histórica ou modernista. Ele incorpora seu passado dentro do próprio nome e procura parodicamente registrar sua crítica com relação ao passado." (Poética do pós-modernismo, p.72.)

2. AS QUESTÕES CENTRAIS QUE CARACTERIZAM O DESCENTRAMENTO PÓS-MODERNO.

Não é sem propósito que o título deste capítulo também traga em si um pouco do ambiente pós-moderno. Serve-nos, ao menos, como provocação. Falar de centro dentro de um ambiente descentralizante causa-nos um mal-estar (no "bom" sentido) metodológico e nos impulsiona para uma excitante tarefa. Partiremos de dois termos¹⁰ que denunciam a complexidade do descentramento pós-moderno, a saber: o *ex-cêntrico* e o *telos*. Brevemente, buscaremos expor algumas nuances destas questões.

A) O ex-cêntrico

A busca por unidade, totalidade, universalidade parece perseguir a humanidade em muitos momentos. Nos gregos - onde essa busca é organizada - desenvolvem-se uma "infinidade" de teorias que se concentram na tentativa de se "dar conta" do *Todo*. Essa tentativa se estendeu por toda Idade Média e Moderna, e se estende (?) pelo mundo Contemporâneo. Uma objeção apresentar-se-ia sem obstáculo. Ao falarmos de tentativa em busca da unidade no mundo contemporâneo, não estaríamos desconsiderando todas as teorias anteriores que se propuseram a dar conta do *Todo* - já que reconhecidas como grandes sistemas? A procedência desta objeção revela uma "inocente" indagação: o que consideramos ao nos referirmos a sistemas perenes, fechados, incontestáveis? Foram estes realmente sistemas prontos?

Parece-nos que não. Podemos reconhecer, com uma forte controvérsia, que grande parte destes sistemas eram contornados por questões aporéticas. Estas, não “solucionadas” até hoje. Rupturas seguidas de outras rupturas “incendiaram” o pensamento ocidental. Demolir um *Centro* e erigir *Outro*. Essa é a antiga novidade do mundo ocidental; o componente avassalador que ora anuncia a fantástica progressão humana, e que ora a desmascara.

Este contexto nos empurra para uma questão periférica, porém central: o ex-cêntrico pós-moderno é um *deslocamento do Centro para outro Centro ou a exclusão do Centro*? Observamos que são coisas diferentes e procuraremos desvelá-las no andamento de nossa investigação.

Partiremos de uma breve afirmação de Linda Hutcheon:

“O pós-modernismo questiona sistemas descentralizados, totalizados, hierarquizados e fechados. Questiona, mas não destrói”¹¹ (cf. Bertens 1986, 46-47). Ele reconhece a necessidade humana de estabelecer a ordem, e ao mesmo tempo observa que as ordens não passam disso: elaborações humanas, e não entidades naturais ou preexistentes.” (Poética do pós-modernismo, p. 65.)

A ‘típica’ característica excêntrica do pós-modernismo revela-nos uma forte tendência paradoxal. A afirmação de Hutcheon apresenta o pós-modernismo como questionador dos *Centros* sem excluí-los, dando a este jogo um caráter convencional e provisório. É uma atração quase irresistível: descentralizar centralizando; uma cumplicidade explícita. Continua Hutcheon:

“O centro não pode permanecer, mas ainda é uma atraente ficção de ordem e unidade que a arte e a teoria pós-modernas continuam a explorar e subverter” (Poética do pós-modernismo, p. 88).

Essa sinistra relação pode-nos conduzir a uma objeção. Seria procedente acusarmos o pós-modernismo, ao usar o ambiente de descontinuidade, de não definir claramente (de forma binária) sua posição nas relações? Ou seja, fazer do jogo paradoxal um antídoto para suas próprias contradições, livrando-se dos respingos de seu próprio veneno? Uma semelhante objeção é feita também ao ceticismo pirrônico (séc. III a.C.), que suspendia o juízo diante de duas teorias equipolentes, não assumindo posição por uma nem por outra. Isso transpira *Método*.¹²

Neste sentido, a questão do ex-cêntrico no pós-modernismo

parece não se colocar como uma postura escatológica, mas como instrumento de reavivamento da diferença. Ora, a diferença está nas margens, nas minorias. Entretanto só existem porque há centro. O pós-modernismo estabelece forte relação com o "periférico", não abandonando, contudo, a definição de Centro, pois ele é combustível da movimentação paradoxal do ex-cêntrico. É possível falar das minorias racias, sexuais, políticas, culturais se tiverem como referência as maiorias, que são centrais.

Devemos depreender disto que a questão do ex-cêntrico não está nem no deslocamento do Centro para outro Centro, nem na exclusão do Centro. A condição binária de raciocínio que temos dificulta a compreensão desta relação. Entretanto, alertamos mais uma vez, a descentralização no pós-modernismo não é "Vale-tudo". Possui critérios, limites, embora esteja mergulhada numa característica aporética. Sendo convenção ou não, o Centro faz parte da vida humana. O mesmo vale para o diferente, o outro. Assim, a questão do ex-cêntrico é fundamental para a definição e compreensão do pós-modernismo.

"A teoria e a arte pós-moderna têm mostrado maneiras de transformar o diferente, o off-centro, no veículo para o despertar da consciência estética e política - talvez o passo primeiro e necessário para qualquer mudança radical... não creio que o pós-modernismo seja, essa mudança, mas pode ser que a pressagie. Ele pode ser uma primeira fase de capacitação em sua encenação das contradições inerentes a qualquer momento transicional: dentro, porém fora; cúmplice, porém crítico. Talvez o lema do pós-moderno deva ser: 'Viva as margens!'" (Poética do pós-modernismo, p.103.)

B) O telos¹³

"...para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim (...) evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem."(ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1049a, 18-22.) A contundente declaração de Aristóteles, no início de sua *Ética*, anuncia a força que o telos possui. Este fim (telos), na história da humanidade foi (e é) apresentado em diversas facetas: Sumo Bem, Eudaimonia (felicidade), Paraíso, Progresso humano... Seria possível viver sem um telos? Ou antes, existe um telos universal? É possível falar de telos na pós-modernidade? Tais perguntas não se fixam numa visão

apocalíptica, mas, ao contrário, obrigam-nos a enfrentar o retorno às origens; às primeiras causas; ao enfadonho sentimento do nascer e perecer. A questão do telos é de fundamental importância para entendermos o ambiente de descontinuidade, fragmentação, incertezas. Por isso, vamos nos limitar na investigação da terceira pergunta: é possível falar em telos na pós-modernidade?

Se considerarmos que o ambiente pós-moderno é de descontinuidade, questionamento sobre aquilo que está estabelecido, fim das utopias, valorização das margens, provisoriamente, não teremos espaço para o telos; para objetivos últimos. Destarte, seria contraditório falar de telos na pós-modernidade. Parece, entretanto, que esta postura não é clara. A ojeriza criada em torno do telos talvez esteja mais fixada numa iconoclastia desmedida - fundada na retórica do “Vale-tudo” - do que propriamente numa reflexão baseada em conceitos. Tudo que aponte para uma finalidade é logo descartado.¹⁴ Por outro lado, se considerarmos a contradição um dos eixos de movimento da pós-modernidade, que problema haveria na participação do telos? Por que o telos não poderia fazer parte do ambiente da pós-modernidade? Ora, se não podemos falar de um telos universal, ao menos poder-se-ia falar em um “micro-telos”? Ou seja, a descontinuidade e a fragmentação estão dentro de um limite, mesmo que seja provisório. Cada passo exige uma finalidade, um “micro-telos”. Insistimos mais uma vez que a pós-modernidade não é “Vale-tudo”, não é o “Sem-sentido”. A pós-modernidade se sustenta em conceitos bem fundamentados. Para ajudar na reflexão, retomemos alguns dos autores já trabalhados em nossa tarefa.

Habermas, ao insistir na continuação do projeto da modernidade, até que ele se *esgote*, aponta para uma forte postura teleológica. O projeto iluminista tinha um objetivo, uma finalidade; de maneira geral, uma vida melhor para a humanidade. Ora, isto não seria “crime” contra a *diferença*, contra o *provisório*. Embora devamos reconhecer que depositar todos os esforços no projeto iluminista e desprezar todas as outras alternativas (de conduzir a modernidade a caminhos diferentes) seja uma atitude extrema de Habermas.¹⁵ Porém, a questão aqui não se fixa no telos, mas no critério de verdade. Absolutizar uma teoria não é função de um telos.

Huyssen, ao apresentar o pós-modernismo nos anos 70 como busca da tradição, também aponta para um caráter teleológico. Por que buscar a tradição? (Mesmo que para questionar!) O desejo de chocar, ainda que provisoriamente, foi uma das finalidades da vanguarda. Se não é um telos universal, ao menos é um “micro-telos”. Quando Huyssen afirma que a pós-modernidade perdeu a capacidade de chocar, está se sustentando num telos.

Dentro deste breve contexto, podemos perceber que a questão da teleologia na pós-modernidade é tensa e está longe de ser definitivamente

resolvida. É necessária uma investigação mais completa. Uma pergunta poderá nos servir como provocação para uma investigação mais exaustiva: por que ter "medo" de um TELOS se um dos ambientes centrais da pós-modernidade é o convívio das diferenças?

3. A ATITUDE DIANTE DA VIDA, O MÉTODO E A "OUTRA COISA"

"Já vimos que as contradições que caracterizam o pós-modernismo rejeitam qualquer oposição binária simples que possa ocultar uma hierarquia secreta de valores. Os elementos dessa contradição costumam ser múltiplos; o foco recai sobre as diferenças, não sobre as simples não identidades..." (HUTCHEON, Poética do pós-modernismo, p.67.)

O alerta aterrorizador feito por Linda Hutcheon não encontrou eco nos capítulos anteriores de nosso trabalho. Não é difícil perceber que as análises que fizemos se restringiram à condição binária. Não foi descuido nosso - embora possam nos acusar disso. O problema que enfrentamos se concentrou na grande dificuldade de nos livrarmos da visão binária. Seja por convenção ou não (isso é uma postura binária), a nossa lógica caminha no *sim* e no *não*; na *identidade* e na *não-identidade*. Este legado nos deixou Aristóteles quando da formulação do "Princípio de não-contradição", onde uma mesma coisa não pode ser ELA e NÃO-ELA ao mesmo tempo. Ainda que consideremos evidente a pluralidade, a condição binária nos fascina e nos deixa anestesiados. Porém, como "último suspiro" tentaremos abordar o tema deste capítulo de forma plural e não somente binária. Nosso esforço se reflete no título deste capítulo. Inicialmente seria chamado de "A atitude diante da vida e o método". Para fugirmos da condição binária, acrescentamos a "Outra coisa". É dentro desta pluralidade que tentaremos manter nossa investigação.

Quando falamos em arte pós-moderna, em teoria pós-moderna não estamos nos fixando em determinados campos da atividade humana. Estamos além destes limites. As dimensões política, social, econômica, religiosa, "periférica", não escapam do "cerco" do pós-modernismo. Seus sinais estão entranhados nos ambientes centrais e marginais. Enquanto uma "infinidade" de autores tentam diagnosticá-la, conceituá-la e classificá-la, a

pós-modernidade transita abusadamente nas veias de nossa sociedade em fim de milênio, e assim sujeita a análises extremistas, observadas habilmente por Linda Hutcheon:

“...o pós-modernismo passa a ser totalmente cúmplice ou totalmente crítico, seriamente comprometido ou polemicamente opositor. É por isso que ele tem sido acusado de tudo, da nostalgia reacionária à revolução radical.” (Poética do pós-modernismo, p.254.)¹⁶

Mas afinal, o que é pós-modernidade? Seria possível, diante do que vimos nos capítulos anteriores, uma resposta, ao menos, animadora? Talvez fosse prudente reafirmarmos a condição de que só é possível falar o que *não é* pós-modernidade. Entretanto seria uma postura binária. Assim, continuamos no propósito de verificarmos a possibilidade da pós-modernidade como método, atitude diante da vida ou outra coisa.

Começemos pela possibilidade da pós-modernidade como *atitude diante da vida*.

É lugar comum percebermos a influência que os ambientes pós-modernos exercem no cotidiano. A literatura e a arte são invadidas pela tendência provisória e efêmera, pela preocupação com o periférico; a síndrome da qualidade total surge quase que do nada e causa uma revolução na tecnologia; a relação de mulheres e homens com a brevidade da vida enaltece a descontinuidade e a fragmentação do ser humano individual; a busca pelo periférico caracterizado na voz das minorias raciais, sexuais, políticas... A própria reflexão sobre uma possível pós-modernidade na América Latina é sinal de sua força no dia-a-dia das pessoas. Mas analisando com mais cuidado seria possível alguém viver pós-modernamente? Seria possível encarnar todos os seus ambientes? Seria possível ser um autêntico pós-moderno sem tropeçar em seus próprios paradoxos e contradições? Parece-nos improvável uma resposta categórica. A pós-modernidade é um movimento que se desloca com dinamismo. Podemos dizer, talvez, que ela *está aí*. Transita pelas margens, e por conhecê-las também conhece o Centro. É neste jogo que a pós-modernidade se desloca.

Seguimos, agora, com a possibilidade da pós-modernidade ser um Método. Tal possibilidade parte da análise estrutural, lógica e funcional da pós-modernidade. Sua estrutura não é doutrinária, mas um movimento dinâmico. São caminhos que se cruzam constantemente. Ora, isso é método; sua lógica não-binária não deixa de possuir critérios consistentes. Isso é método; sua funcionalidade é obrigada a retomar conceitos não considerados como o “micro-telos”, a linearidade, Centro, a condição binária. Isso é método.

Como temos observado nos capítulos anteriores, os ambientes pós-modernos possuem uma forte característica metodológica. A convivência com os paradoxos se concretiza através do método. A descontinuidade, a fragmentação, o não-terem sentido no método. A volta ao passado para questionar os valores sem desprezá-los é função metodológica. Trabalhar ininterruptamente com a diferença é método. Uma afirmação de Linda Hutcheon pode reforçar o caráter metodológico da pós-modernidade:

"Não pretendo sugerir que o pós-modernismo é apenas um revival ou uma neovanguarda. No pós-modernismo não existe nenhum traço de oposicionalidade declarada e definitiva da vanguarda. Não existe nenhum desejo de romper com o passado,(...), mas sim uma tentativa de inserir uma nova historicidade e uma nova problematização da noção de conhecimento histórico. O pós-moderno também não compartilha nada da orientação utópica da vanguarda em relação ao futuro, apesar de sua ocasional propensão à retórica revolucionária. Ele possui pouca convicção na capacidade da arte para modificar a sociedade diretamente, embora realmente acredite que o questionamento e a problematização possam estabelecer as condições para uma possível mudança." (Poética do pós-modernismo, p.274.)

Ora, questionar e problematizar são características da pós-modernidade e isso é método; é artifício para demonstrar certa fragilidade e mascarar uma força impiedosa. Neste sentido, poderíamos afirmar que a pós-modernidade tende mais ao método do que a uma atitude diante da vida?¹⁷ Certamente não, e por dois motivos, ao menos. Primeiro, porque seria uma postura binária diante da questão e segundo, porque fugiríamos do ambiente da diferença. Não podemos falar de metodologia sem consequência, de caminho sem que alguém caminhe. É uma típica relação de tensão e não de necessidade. A pós-modernidade pode ser considerada método e atitude diante da vida - se é que podemos definir algo. Mas e a *Outra coisa?* Deixemos que as palavras de Linda Hutcheon nos sirvam de "resposta": "*O diferente e o paradoxal fascinam o pós-moderno.*" (Poética do pós-modernismo, p. 60.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS “MOVIMENTOS” INICIAIS

Ousar falar de pós-modernidade, pós-moderno e pós-modernismo já é uma atitude pós-moderna. Mesmo diante da infinidade de publicações e debates sobre estes assuntos, parece haver sempre possibilidade de dizermos algo “novo”. Este algo “novo” não é conclusão, mas experiências dos “movimentos” da pós-modernidade. Aceitamos metodologicamente, desde o início, a impossibilidade de *conclusão* na pós-modernidade. Todos estes fatores nos ajudaram a nos livrar da famigerada tentação do “quem somos nós” para falar de pós-modernidade? Se tivéssemos que responder, diríamos que não só falamos de pós-modernidade, mas fazemos - mesmo que timidamente - experiência dela. Fomos aprendendo isto durante nossa investigação.

As maiores dificuldades que encontramos em nossa tarefa se concentraram no convívio com os ambientes paradoxal e fragmentário da pós-modernidade. Não é muito simples transitar em ambiente de descontinuidade, onde o “chão” não é sempre o mesmo e nem está sempre na mesma posição. Estes ambientes, contudo, provocam uma séria reavaliação dos conceitos que costumeiramente tomamos sem reflexão. Parece-nos que nada escapa da análise pós-moderna. Caminhar com ela é acompanhar seus movimentos.

Outro ponto que nos chamou atenção foi o fato de que a pós-modernidade possui conceitos bem fundamentados, desfazendo-se, assim, de uma similaridade com a carcomida tendência do “vale-tudo”. Se o ex-cêntrico e o não-telos poderiam insinuar tal tendência, isso ficou descartado. Como vimos, o descentramento e o não-telos não são absolutos na pós-modernidade. Fazem parte de uma relação paradoxal que exige a presença do diferente.

Por fim, a possibilidade de dizermos se a pós-modernidade é método, atitude diante da vida ou “outra coisa” ficou concentrada mesmo na provocação. Mas foi importante percebermos que no movimento da pós-modernidade várias de suas facetas aparecem, que ora se caracterizam como método, ora como atitude diante da vida e ora como “outra coisa” - embora não tenhamos claro o que esta seja.

Investigar a pós-modernidade é fascinante e dilacerador. Suas características imprimem um movimento desconcertante. Não é sem propósito que muitos se debruçam sobre ela buscando compreendê-la. Nossa tarefa por ser simples e introdutória mereceria ser aprofundada. Isso nos serve como estímulo para uma “nova” investigação.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1987. (Coleção *Os Pensadores*.)
- HABERMAS, J. "Modernidade versus Pós-modernidade". In: *Arte em Revista*. Ano 5, n 7. São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea, 1983.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- HUYSSSEN, A. "A busca da tradição: vanguarda e pós-modernismo nos anos 70". In: *Arte em Revista*. Ano 5, n 7. São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. "O enigma pós-moderno." In: *Pós-modernidade*. 4ª ed., Campinas, Unicamp, 1993.

NOTAS

1. Os termos pós-modernismo, pós-moderno e pós-modernidade são distintos. Contudo, para o presente trabalho os tomaremos como 'semelhantes' no sentido de facilitar o entendimento.
2. O grifo é nosso.
3. O tempo apresentado pela objeção é o cronológico (kronos). Sendo assim, não é similar ao tempo apresentado por Sevcenko, que parece estar relacionado ao tempo oportuno (kairos).
4. Não vamos abordar a interpretação de Lyotard, embora seja importante, pois achamos que mereceria uma incursão cuidadosa e exaustiva. Desde já assumimos este quinhão de descontinuidade.
5. Habermas é um dos mais polêmicos autores a falar do pós-modernismo. Possui uma vasta obra dirigida, principalmente, à questão da comunicação. Nossa investigação, contudo, se fixará em seu artigo intitulado "Modernidade versus Pós-modernidade".
6. Esta questão iremos abordar especificamente no capítulo seguinte.
7. O grifo é nosso.
8. Fixaremos nossa investigação no capítulo 2 de seu livro *A Poética do pós-modernismo*.
9. Hutcheon no capítulo 2 desta obra faz uma contundente reflexão sobre a paródia no pós-modernismo. Contudo, não vamos nos deter neste assunto.
10. Poderiam ter sido outros termos, pois são em grande quantidade. A escolha foi feita em função da excitação - em relação aos problemas - que cada termo destes suscita.
11. O grifo é nosso.
12. Isso é uma provocação.
13. fim, finalidade.
14. Esta postura é a mais radical e está apresentada de forma superficial. A opção por ela é metodológica, para que possamos transitar pelos extremos.
15. Veja a crítica de Huyssen a Habermas em seu artigo "A busca da tradição: vanguarda e pós-modernismo nos anos 70", p. 93-94.
16. Esta é uma análise binária.
17. Não está em jogo aqui a complexa relação entre teoria e prática, embora a tragamos embutida em nossa tarefa.